

VITRAL CULTURAL

a newsletter do CCJF

Chegou a 15ª edição da *Vitral Cultural*, a newsletter mensal do **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)**. Por aqui, você encontra matérias sobre as principais atrações e iniciativas do CCJF, além de notas e bons artigos sobre arte e cultura. Esperamos que cada pedacinho desse vitral, produzido com cuidado e apreço, te traga bons momentos de leitura. Mais uma vez, trazemos aquele pedido especial: se gostou do conteúdo, repasse aos(as) amigos(as)! Vamos aproveitar o poder de disseminação da Internet para ampliar o acesso da população à cultura. Assim, todos(as) ganham. Gratidão ✨



CCJF recebe nova exposição que prestigia o talento do artista chileno apaixonado pelo Rio, Jorge Selarón

No final de junho, as galerias do 2º andar do **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)** foram lindamente ocupadas pela mostra *Gabinete Selarón de Curiosidades - os Degraus para a Gestão Compartilhada da Escadaria Selarón*, exposição que homenageia o multifacetado artista chileno Jorge Selarón, cuja obra transformou a *Escadaria Selarón* em um dos pontos mais visitados e conhecidos do Rio de Janeiro. A exposição, que fica no CCJF até dia 10 de agosto, reconhece e reforça a relevância da arte e cultura latino-americanas, destacando a memória de um artista símbolo para a arte contemporânea.

Galeria de diretores homenageia nomes que marcaram a história do CCJF



O Centro Cultural Justiça Federal (CCJF) inaugurou, dia 27 de junho, no térreo, a Galeria dos Diretores-Gerais do CCJF. A cerimônia começou com uma linda apresentação do coral *City Choir of Washington* que ocupou a escadaria no hall de entrada do Centro Cultural.

Fora as paredes, texturas, vitrais e arabescos que fazem do Centro Cultural uma das joias do quadrilátero cultural do Centro do Rio, na ocasião, estavam as pessoas que ajudaram a torná-lo o que ele é hoje: um espaço que respira cultura, diversidade e democracia.

De Valparaíso do Chile para o Rio de Janeiro, as pinturas de Jorge Selarón

Nas paredes das galerias, quadros cheios de personalidade e vida, características de um artista único conhecido na cidade do Rio de Janeiro pela sua obra máxima: a *Escadaria Selarón*, localizada na Lapa, que virou ícone turístico e patrimônio cultural. A mostra *Gabinete Selarón de Curiosidades*, realizada pela Liga Independente dos Guias de Turismo do Rio de Janeiro (LiGuia-RJ), reúne 370 pinturas – além de fotografias, rascunhos e azulejos, revelando o olhar cosmopolita do artista chileno Jorge Selarón que transformou os 215 degraus da escada do Convento de Santa Teresa em um mosaico vivo, com 4.994 azulejos de 165 países.

São cinco galerias com obras de Selarón – que depois de viajar mais de 50 países, escolheu o Brasil como casa –, retratando a paixão do artista pela Cidade Maravilhosa, com reproduções autênticas da Cinelândia, da Lapa e da Central do Brasil, por exemplo, além das famosas mulheres grávidas – uma das personagens mais retratadas pelo artista em suas milhares de obras –, paisagens e auto retratos que mostram o amor de Selarón pelo Rio e pela arte contemporânea. O projeto convida o público a pensar formas colaborativas de cuidar da escadaria, ampliando o conceito de gabinete de curiosidades e reconhecendo seu como espaço de memória, diversidade e expressão coletiva.

A abertura da exposição contou com a presença do diretor-geral do CCJF, Dr. Theophilo Miguel, do cônsul do Chile no Rio de Janeiro, Carlos Javier Marin, dos curadores Andre Angulo, Marcelo Esteves, Ceci Maciel, Ester Galleguillos, Guilherme Guimarães e Gerardo Millone, além de outros convidados e público. Dr. Theophilo Miguel destacou a importância do artista, “um visionário, sonhador incansável que encontrou nos azulejos e nas cores uma linguagem para expressar sua obra e se conectar com o povo.” Para ele, a *Escadaria Selarón* é símbolo de criatividade, diversidade e união entre culturas. “É uma mostra viva do profundo laço afetivo entre Chile e Brasil. Essa exposição não só celebra seu legado artístico, mas também sua história de vida, marcada pela paixão, esforço e generosidade”, ressaltou.

Ao celebrar o legado de Selarón, Marin, do Consulado Geral da República do Chile, instituição patrocinadora da exposição, lembrou que o artista foi mais do que o criador de uma linda escadaria, destacando que a mostra convida o público a conhecer o Selarón em sua dimensão mais íntima: as pinturas e obras dedicadas a outros cantos do mundo, inclusive, a cidade portuária histórica Valparaíso do Chile, terra natal de Selarón. “Sua arte se tornou uma poderosa ferramenta de união entre os povos, uma janela aberta ao mundo a partir da sensibilidade do artista chileno que amou profundamente o Brasil. Aqueles que visitam a escadaria ano após anos poderão agora complementar sua experiência ao conhecer o universo mais pessoal de Selarón, suas angústias, seus sonhos e seu olhar único sobre a vida”, pontuou.

Com Dr. Theophilo Miguel (2025-2027) como anfitrião, a cerimônia contou com a entrega de uma moeda comemorativa a todos os homenageados que foram diretores do CCJF e que sempre farão parte da atmosfera histórica do local: Paulo Freitas Barata (2001-2007), Sergio Schwaitzer (2007-2009), André Ricardo Cruz Fontes (2009-2011), Poul Erik Dyrland (2011-2013), Messod Azulay Neto (2013-2015), Guilherme Calmon Nogueira da Gama (2015-2017), Reis Friede (2017-2019), Antonio Ivan Athié (2019-2021) e Simone Schreiber (2021-2025). Dr. Schwaitzer recebeu mais uma lembrança: um capacete branco personalizado, de engenheiro civil, semelhante ao que ele usava, em 1999, quando destinava seu tempo à recuperação da história do local.

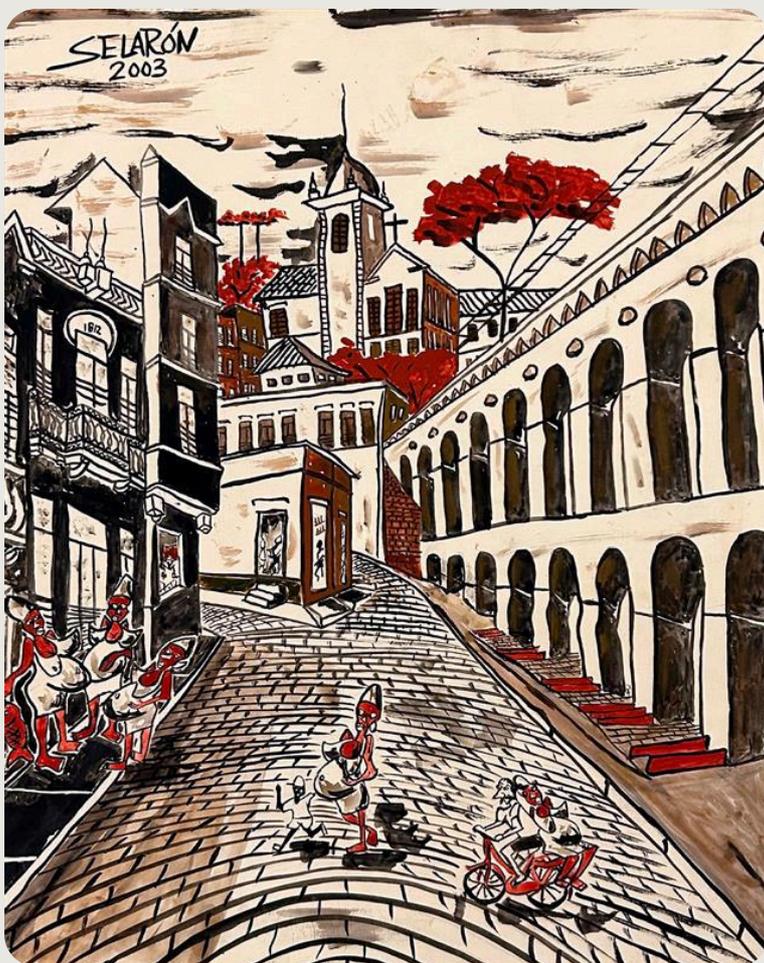
.....

**A história do CCJF:
agende sua visita!**



O programa conta a história do prédio, de sua construção até os dias atuais. Projetado pelo arquiteto Adolpho Morales de Los Rios para ser originalmente o Palácio Arquiepiscopal, o edifício - exemplar da arquitetura eclética - abrigou o Supremo Tribunal Federal de 1909 a 1960.

Atualmente, é um dos poucos remanescentes da reformulação da cidade do Rio de Janeiro



Um dos quadros de Selarón exposto na mostra reproduz os Arcos da Lapa e seu entorno com as personagens grávidas, uma marca do artista.

Patrícia Ribeiro, professora e psicanalista, uma das visitantes que conferiram a mostra no dia de abertura, ficou encantada em descobrir um lado até então não tão conhecido de Selarón, destacado por Marin. “Foi uma oportunidade linda poder vir aqui, a exposição está maravilhosa. Não conhecia o trabalho dele (pintura) e é um trabalho lindo, significativo. Ele tinha uma grande paixão pelo Rio. Se percebe que as obras de Selarón têm uma característica: ele trabalha, basicamente, com três cores... o preto, o vermelho e o terra, um tom meio acobreado...uma coisa meio telúrica. Vemos o Rio antigo, vários pontos da cidade e conseguimos perceber esse amor que ele tinha pela cidade”, conta.

Além da exposição, haverá atividade extra no período em que a mostra estiver no CCJF: visita mediada, quintas-feiras, às 15h. Mais detalhes [aqui](#).

A mostra é gratuita e fica aberta durante o horário de funcionamento do CCJF, de terça a domingo, das 11h às 19h. Venha nos visitar!

ocorrida no início do século XX.

A visita propõe, ainda, uma reflexão sobre preservação do patrimônio histórico, cultura, justiça e sociedade.

Visitas orientadas
(exceto no recesso judiciário e feriados):
Terças e quintas
das 14h às 16h
Gratuito

O agendamento pode ser feito pelo e-mail:
visitas.ccjf@trf2.jus.br

Visita mediada Selarón Pedaços do Mundo



Para quem quiser conferir a exposição Gabinete Selarón de Curiosidades no CCJF e, de quebra, ainda ter uma aula da Liga Independente dos Guias de Turismo do Rio de Janeiro, organizadores da mostra, sobre o artista chileno e suas sombras é só se inscrever no e-mail liguia@liguia.org.br

As visitas mediadas estão acontecendo todas as quintas-feiras, às 15h, até o final da exposição (a última, ocorre no dia 7/08). Venha se encantar ainda mais com a arte de Selarón, um apaixonado pelo Rio de Janeiro.



Ari interage com a plateia no espetáculo Expurgo, no Teatro do CCJF

Expurgo: dor e resiliência em forma de arte

Durante o mês de junho, o espetáculo *Expurgo*, que fez parte do *II Festival Identidade em Cena*, ocupou o teatro do **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)**. O monólogo, escrito e protagonizado por Ari Areia e dirigido por Cícera Vieira, conta uma história impactante sobre sexualidade e rejeição.

Enquanto passa um café, o protagonista conta sua própria história e destaca três coisas que as pessoas não sabem sobre ele. Ari, o personagem, relata as dificuldades de ter a orientação sexual aceita por sua família conservadora e como as pressões religiosas afetaram a relação entre ele e seus pais, que o expulsaram de casa após dizer que era gay. Protagonizando uma cena impactante, Ari mostra, em forma de arte, como a rejeição pode ser traumatizante para uma pessoa LGBTQIAPN+, relacionando esse momento à memórias afetivas – como as palavras ouvidas e o cheiro forte de café que preencheram o ambiente durante esse acontecimento.

Após viver momentos marcantes, o personagem mostra como foi sua reconciliação com sua mãe e ressalta a importância de um abraço. Foi nesse momento que a interação com o público se fez presente: o personagem ofereceu abraços e deixou mensagens de esperança, enfatizando a importância de histórias como as dele serem ouvidas.

A LGBTfobia é uma realidade presente na vida de muitas pessoas, que, infelizmente, precisam encontrar formas de lidar com o preconceito sofrido – muitas das vezes dentro de seus próprios lares. Ao contrário do que ocorre no relato, algumas feridas são tão difíceis de superar que impedem qualquer possibilidade de reconciliação familiar.

Ao comentar sobre a temporada de *Expurgo* no CCJF, o ator Ari Areia ressalta o quão especial foi se apresentar no Teatro do Centro Cultural. “Foi muito especial levar nosso trabalho ao

Refúgio para a mente (e para os olhos)



Venha conhecer a biblioteca do CCJF, localizada no 2º andar do nosso prédio. Lá, você encontra um acervo especializado em Arte e Cultura, ambiente confortável para ler e estudar.

Não é necessário se cadastrar nem agendar horário para frequentar nossa biblioteca.

A biblioteca e a Sala de Leitura estão abertas ao público de **terça a sexta**, das **12h às 17h**, exceto no recesso judiciário e feriados.

Programação do CCJF no WhatsApp



Fique atento(a) à nossa programação. Entre no grupo do WhatsApp especialmente feito para a divulgação dos próximos eventos. É só apontar a câmera do celular para o QR code abaixo:

palco do CCJF, no coração da cidade, um espaço que dialoga com um público muito interessante de colegas da cena teatral, mas, principalmente, de trabalhadores que circulam pela Cinelândia. Uma alegria estar nessa casa histórica que guarda capítulos tão importantes da memória do Poder Judiciário brasileiro”, declarou.



ÁRT performando no show "Afetos Cítricos", no palco do CCJF

Afetos Cítricos: um oportuno manifesto da música afro, pop e diversa

Um show plural, com uma rica variedade de ritmos, entre *soul*, R&B, samba e rock. Em um único ato, uma apresentação que legitima a musicalidade de um autêntico e talentoso artista que se inspira em suas vivências amorosas e das relações homoafetivas. A breve definição do que foi *Afetos Cítricos* – primeiro show completo do cantor, compositor e multiinstrumentista ÁRT, que contou com toda a banda, figurino e produção de primeira qualidade –, dá a dimensão da experiência vivida por quem estava na plateia do Teatro do Centro Cultural Justiça Federal (CCJF), no último dia 29 de junho. O show, traduziu, em música e performance, as complexidades das emoções humanas ao oferecer uma jornada sensorial, reflexiva e tocante.

Parte do *II Festival Identidade em Cena*, a ideia do projeto *Afetos Cítricos* começou intimista, com apenas voz e violão, e aos poucos, com um rede de apoio e vontade de fazer mais, acabou se tornando um show maior, algo que, conforme descreveu ÁRT, “se tornou uma potência, que ainda está sendo reverberada”. “É a oportunidade de legitimar minha musicalidade em vários idiomas, em um único ato. É um show que mostra meu lado compositor, conta as minhas músicas que



Você também pode acessar o site do CCJF e conferir nossa programação completa e atualizada. [Clique aqui!](#)

Curiosidades do CCJF: você sabia?



Você sabe quais estilos e referências compõem a Sala de Sessões do CCJF?

Com portas enormes que trazem muita luz natural e arabescos dourados no teto, a Sala de Sessões possui um estilo gótico que dá um charme ao ambiente.

A sala histórica, palco de julgamentos importantes do Supremo Tribunal Federal (STF) na década de 1960, possui lindos vitrais e pinturas nas paredes com

muitas vezes falam sobre os homens que eu amei e fui feliz, e os que eu amei e sofri, além de considerar toda a conjuntura social que permeia na minha rotina em ser um homem gay, preto, de favela e afeminado”, pontua o artista. Para ele, essas são quatro características que fazem com que seu corpo, sua persona, seja projetada em um lugar de objetificação que não é exatamente o que ele é. “Com essa leitura também fui entendendo quais são os olhares dos corpos que me enxergam não apenas como corpo, mas como ser humano e, por isso, que há muito esse ‘lugar’ nas minhas apresentações”, explica, ao comentar que essa vivência faz com que as canções compostas sejam legítimas, virando algo muito vivo no palco, que faz com que todas as adversidades valessem a pena.

Valéria Martins, escritora e agente literária à frente da Oasys Cultural, pôde entender e sentir a crônica sensível que *Afetos Cítricos* ofereceu ao público do CCJF. Segundo ela, foi uma linda surpresa descobrir “o artista incrível que é o ÀRT”. “Eu não sabia que ele compõe todas as músicas, e uma variedade de ritmos. Ele também toca, dança, dirige e arranja. Acompanhado de uma banda afinadíssima e muitíssimo bem ensaiada, transformou minha tarde de domingo em um verdadeiro show”, ressaltou.

Sobre a importância de centros culturais como o CCJF incentivar a cultura popular, o artista aborda a questão lembrando de uma canção da cantora paraense Maricel Ioris cujo um trecho diz que “aquele que toca e canta precisa dos aplausos e dos bises”. “Eu amplifico essa frase dizendo que aquele que faz arte precisa de palco, ela precisa ser propagada para fora, senão aquilo vira uma loucura, um grito seco, na verdade um grito que fica contido dentro de você”, comenta. Para ÀRT, ter centros culturais como o CCJF, onde há acesso para uma massa de artistas poder propagar e legitimar sua arte, é extremamente fundamental e plural. “Porque se ficássemos limitados a oportunidades em lugares onde você já precisa estar famoso para tocar, onde haveria a validação do seu trabalho? Como ele seria registrado e propagado? Então, a importância é inefável, gigantesca”, conclui.

personalidades do passado recente do país.

Seu chão bicolor é composto por madeiras de árvores nobres: canela, peroba e guarabu, além de ter uma enorme pintura representando a deusa Têmis no teto. Quer conferir esses detalhes únicos de perto? Venha nos visitar! A Sala de Sessões fica localizada no 1º andar do Centro Cultural Justiça Federal (CCJF).



Trans Cineclube: narrar para existir, exibir para resistir

Nos dias 13 e 20 de junho, o **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)** recebeu o *Trans Cineclube*, atração que fez parte do *II Festival Identidade em Cena*. O projeto contou com a exibição de curta-metragens, debates, rodas de conversa, apresentações artísticas e sessões de acolhimento psicológico. O evento priorizou a escolha de filmes que tinham em sua produção ou elenco pessoas travestis e transexuais como protagonistas.

Do conteúdo dos encontros, palavras talvez não sejam suficientes para expressar os sentimentos transmitidos em cada momento. Nos dois dias foram exibidas obras que roteirizam realidades. Foram expostas histórias que muito bem poderiam ser similares às de quem estava na platéia. As sessões de acolhimento psicológico, realizadas pela psicóloga Céu Pozzali, aconteceram no começo dos encontros. O atendimento era justamente para aqueles que precisavam atenuar a violência psicológica que sofrem diariamente.

No dia 13, ocorreu o coquetel de lançamento da 2ª temporada de *Trans CineClube*, a 1ª que aconteceu no CCJF. Wescla Vasconcelos, curadora do evento, apresentou o projeto e agradeceu a todos que fizeram parte da iniciativa, além dos demais presentes. A exibição de cada filme era seguida de apresentações artísticas de pessoas trans convidadas, acompanhadas de debates sobre a obra que havia sido transmitida. Wescla dividiu a emoção e a enorme responsabilidade que é pesquisar, exibir e projetar os filmes de cineastas trans brasileiros, descrevendo o *Trans Cineclube* como “a realização de um sonho coletivo e cheio de potência, em cada sessão”.

Manoela Menandro, diretora de produção, comentou, com propriedade, sobre a capacidade e vontade da comunidade LGBTQIAPN+ ser agente de transformação da sociedade. “Como uma trabalhadora trans, minha presença é uma afirmação. Ser uma pessoa trans e/ou uma travesti não limita minha habilidade ou talento; pelo contrário, é uma das minhas maiores fontes de inspiração e força”. Ao falar sobre as poucas oportunidades que tem no mercado, compartilhou que é justamente a sua capacidade de enfrentar os desafios a chave para o sucesso de qualquer projeto que se envolva. “Eu quero ser agente de transformação por onde eu passar. E é por isso que eu acredito em projetos como o *Trans Cineclube*”, concluiu.

O projeto é feito por e para travestis e transexuais, pessoas que mais do que ninguém, entendem a dor e o sofrimento manifestados por meio do preconceito, sentidos na pele. Não se trata apenas de exibições de filmes, é sobre dividir, trocar histórias e experiências de vida – muito mais comuns do que se imagina.

Os encontros do *Trans Cineclube* ocorrerão mensalmente no Cinema do CCJF, não deixe de embarcar nessas narrativas que passam longe da ficção e que precisam ser reverberadas.





Ancestralidade e Memória: vozes que o tempo não conseguiu calar

No dia 28 de junho, a Sala de Leitura do **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)** abriu suas portas para o bate papo *Ancestralidade e Memória* no livro “*Ébano sobre os canaviais*”, com a escritora Adriana Vieira Lomar e Rachel Quintiliano, colunista da Revista Raça. O encontro foi pautado na discussão do livro *Ébano sobre os canaviais*, de Adriana, ganhador do prêmio *Kindle* e semi finalista do Jabuti 2024.

O livro conta a história de uma vida sem passado, uma narrativa similar a de muitas famílias que tiveram suas ancestralidades apagadas pelo racismo. A conversa começou com a discussão dos bastidores da história escrita por Adriana, mas isso foi apenas o pontapé inicial de um papo que extrapolou todas as páginas da obra. O encontro se transformou em uma grande troca de experiências que, por muito tempo, foram anuladas pela sociedade e que apresentam uma única justificativa para a sua invisibilidade: o privilégio branco como presença que persiste e molda o racismo estrutural.

Para Marcelle Azeredo, escritora e jornalista, mais do que conhecer os bastidores da escrita de *Ébano sobre os canaviais*, o encontro proporcionou trocas sobre a ancestralidade de cada participante e, ainda, a surpresa de que muitas pessoas não possuem registros dos antepassados.

“Repensar o Brasil é recobrar a história tendo por base a memória negada”, pontuou Adriana. “Ancestralidade e memória em *Ébano sobre os canaviais* reverbera no dia a dia de todos aqueles que desejam repensar o Brasil”, concluiu a escritora. Proporcionar um lugar de fala é um dever da sociedade que, infelizmente, está muito longe de ser cumprido. E é a partir de encontros como esse que narrativas apagadas podem ser contadas e, principalmente, ouvidas.

Ébano sobre os canaviais conta uma história que teve seus capítulos e palavras quase esquecidos, mas que, com muita luta e conhecimento, pôde reverberar muitas outras.





Diálogos para reforçar a memória da artista Ana Mendieta

Ao tratar de temas como feminismo, relação do corpo com a natureza – usando matérias-primas como lama, carvão e fogo – e migração, a artista cubano-americana Ana Mendieta escreveu seu nome na história da arte. Ela teve o futuro interrompido ao morrer misteriosamente, em 1985, após cair do 34º andar do prédio onde morava, em Nova Iorque – tragédia que ecoa até hoje como símbolo das lutas das mulheres na arte. A exposição *Cartas à Mendieta*, cuja abertura se deu no último dia 25, no *Gabinete de Fotografia* do Centro Cultural Justiça Federal (CCJF), celebra o legado da artista, reunindo trabalhos de 40 artistas latino-americanos em vídeos-cartas que dialogam com sua obra. Através de performances, textos e imagens, a exposição revive temas como identidade, exílio e resistência. A homenagem coletiva, realizada pelo grupo *Latinas práticas artísticas contra coloniais*, une passado e presente, fortalecendo vozes femininas na América Latina. "Em 2025, completam-se 40 anos da morte precoce de Ana Mendieta, artista visionária cuja obra foi interrompida por um possível feminicídio. Inspirados na força dessa artista, concebemos um projeto que dialoga com sua poética. A mostra não apenas homenageia sua memória, mas atualiza seu protesto, desafiando as estruturas que ainda tentam apagar corpos e histórias como os dela", ressaltou Manuela Leite, uma das curadoras da exposição, junto com Guadalupe Carrizo e Raquel Rodrigues.

Além da exibição dos vídeos, farão parte do espaço expositivo, imagens impressas dos manuscritos das cartas selecionadas para a mostra. Outro objetivo do projeto, que faz uma interseção entre o feminismo contemporâneo e a obra de Mendieta, é catalisar uma reflexão crítica sobre as narrativas dominantes, promovendo um espaço de resistência e empoderamento para as vozes femininas na esfera artística.

Cartas à Mendieta, que fica no CCJF até dia 24 de agosto, também realizará atividades extras enquanto estiver ocupando o *Gabinete de Fotografia* do CCJF: dia 23 de julho, às 17h, acontece visita mediada e roda de conversa; dia 6 de agosto, às 15h, na Sala de Cursos, será ministrada Oficina de escrita intuitiva - *Cartas à Mendieta*, e, dia 24 de agosto, às 15h, no Cinema, haverá exibição de filmes seguidos de roda de conversa com as curadoras da exposição. Mais detalhes [aqui](#).

A mostra é gratuita, e funciona de terça a domingo, das 11h às 19h. A classificação indicativa é 18 anos.



*Com canções autorais, Miguel Rabello e Júlia Nali encantam o público no show *Notas de Viagem**

Notas de Viagem e a delicadeza da Música Popular Brasileira

No dia 26 de junho, o Teatro do **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)** recebeu o show *Notas de Viagem*, um concerto de voz e violão, estrelado pelos cantores e compositores Miguel Rabello e Júlia Nali.

Apresentando harmoniosas canções autorais da música popular brasileira, a dupla realizou um show delicado e poético. Miguel Rabello, na voz e violão, conduziu o espetáculo com elegância e sensibilidade, enquanto Júlia Nali encantou o público com sua voz suave. A sintonia entre os musicistas contribuiu para a criação de um ambiente intimista, no qual o público pôde se sentir abraçado por cada composição.

As músicas, que fazem parte dos álbuns de Miguel, revelam composições em conjunto com Paulo César Pinheiro e Roberto Didio - respectivamente, compositor e letrista renomados da

música brasileira -, que exploram temas como amor e memória, remetendo inclusive a elementos da natureza.

A cantora, Débora Motta, que prestigiou o evento, relatou a alegria em assistir a apresentação da dupla. "É maravilhoso ver o talento de dois jovens artistas, Miguel Rabello e Julia Nali, com um repertório autoral e sofisticado. Duas vozes maravilhosas, interpretando com técnica e sentimento composições que destacam o bom gosto das harmonias e das letras, muito bem elaboradas. O show *Notas de Viagem* reafirma que a música brasileira de qualidade contemporânea existe e resiste! Uma alegria ver essa dupla!", afirmou.



<<POR DENTRO>> DO CCJF

entrevista com
Lucas de Melo

A ideia da série Por Dentro do CCJF é trazer, a cada mês, um curto bate-papo com um convidado(a), inspirado naquelas boas prosas que acontecem na hora do café e que, muitas vezes, dá uma leveza no dia a dia.

Lucas de Melo, estagiário do Setor de Artes Cênicas e Audiovisual, é o convidado deste mês da série de entrevistas **Por dentro do CCJF**. Ele conta, entusiasmado, um pouco sobre carreira, planos, principais funções dentro do CCJF e relembra um dos momentos que considera memorável da vida profissional. Confira a íntegra do papo, logo abaixo:

VITRAL CULTURAL: O que te fez escolher o curso de Produção Cultural? Como é estagiar no Centro Cultural Justiça Federal?

Lucas de Melo: Produção Cultural é o curso que sempre procurei, ainda que não soubesse da existência dele. Sempre fui muito encantado pela arte e a cultura, especialmente brasileiras. Então, quando descobri que tinha um curso que mesclava tantos dos meus gostos, não tive dúvidas de que precisava estar lá. Estagiar no CCJF é incrível, tenho conseguido colocar em prática os estudos teóricos da faculdade, com supervisão excelente e liberdade para também poder criar e contribuir com meu Setor.

VITRAL: Quais suas principais funções no CCJF? Qual é a atividade que você mais gosta de realizar?

Lucas: Entre as minhas principais funções estão o apoio à curadoria, produção e difusão de atividades culturais nas áreas do audiovisual e artes cênicas, o acompanhamento interno de mostras, festivais e espetáculos e as organizações de cronograma, arquivos, relatórios e planilhas. Definitivamente a função que eu mais gosto é poder estar perto de artistas e produtores, dialogando e trocando experiências com eles.

VITRAL: Conte-nos alguma curiosidade ou caso que considere memorável, seja profissional ou pessoal?

Lucas: É até difícil escolher um só! Mas posso dizer que um caso muito memorável foi estar envolvido profundamente nos processos do II Festival Identidade em Cena, que aconteceu no CCJF em junho de 2025. Reunir minha profissão e uma luta pessoal em prol da arte e cultura é, com toda certeza, muito memorável para mim.



Como incentivar a cultura e valorizar o patrimônio cultural por meio do movimento turístico da cidade?

Por Guilherme Guimarães e Andre Angulo, curadores da exposição *Gabinete Selarón de Curiosidades*.

Os autores fazem parte da equipe que reúne guias de turismo e museólogos nos bastidores da mostra sobre Selarón.

"Gabinete Selarón de Curiosidades propõe, portanto, uma nova lógica para o turismo: não apenas visitar, mas compreender; não apenas registrar, mas se relacionar. O turista não é apenas espectador, mas parte ativa de um processo contínuo de valorização da cultura local."

No Rio de Janeiro, onde a cultura se mistura ao cotidiano e toma forma nas esquinas, o turismo tem o poder de ir além do movimento econômico: ele pode ser um gesto de cuidado com a memória. A exposição *Gabinete Selarón de Curiosidades*, em cartaz no **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)**, nasce com esse propósito – reconhecer e partilhar a força simbólica da *Escadaria Selarón* como expressão viva da arte pública, conectando a trajetória do artista chileno Jorge Selarón ao fluxo incessante de visitantes que fazem da cidade um ponto de encontro entre culturas.

Jorge Selarón transformou uma simples escadaria no bairro da Lapa em sua *magnum opus*. Ao longo de 19 anos, recebeu azulejos enviados por turistas de todas as partes do mundo, respondendo cartas e e-mails, e criando vínculos com desconhecidos. Esse vínculo afetivo que se construiu entre o artista e os visitantes é o que dá alma à exposição. O *Gabinete de Curiosidades* não apenas apresenta obras do artista e peças da escadaria, mas também narra a vida de quem deixou na cidade uma marca e um símbolo para toda a cidade.

A *Escadaria Selarón* não é apenas um atrativo turístico – ela é um símbolo de complacência entre os povos, um espaço onde se encontram azulejos representando 165 países, enviados por visitantes que contribuíram espontaneamente para a construção dessa obra coletiva. Essa diversidade transforma a escadaria em um verdadeiro mosaico da convivência cultural e da solidariedade entre nações. Ao mesmo tempo, ela se firmou como um ícone cultural do Rio de Janeiro, já tendo servido de cenário para videoclipes, campanhas e produções internacionais, como o clipe de Snoop Dogg e Pharrell Williams, cenas do filme *O Incrível Hulk* (em que o próprio Selarón aparece) e inúmeros ensaios fotográficos de grupos como U2. Seu impacto vai além do simbólico: diariamente, o fluxo de turistas movimenta a economia local, beneficiando comerciantes, artistas de rua, guias de turismo, bares, restaurantes e moradores da Lapa que vivem diretamente da dinâmica gerada por esse ponto cultural. Preservar e valorizar a escadaria é também investir na economia criativa e no sustento de dezenas de famílias que dependem da vitalidade desse patrimônio vivo.

A Liga Independente dos Guias de Turismo do Rio de Janeiro (LiGuia/RJ) é uma associação civil, apertidária e sem fins lucrativos e a proponente da exposição *Gabinete Selarón de*

Curiosidades que vem atuando de forma ativa na luta pela preservação da *Escadaria Selarón*. Diante do abandono recorrente e dos constantes atos de vandalismo que ameaçam a integridade desse patrimônio, a LiGuia vem articulando a proposta de uma gestão compartilhada entre o poder público e a sociedade civil, buscando soluções que garantam sua conservação de forma contínua, participativa e comprometida com o valor simbólico e afetivo do lugar.

A mostra é guiada por profissionais da LiGuia, guias que conduzem os espectadores através das telas pintadas sobre Eucatex, representando paisagens com mulheres negras grávidas, sua grande marca registrada e símbolo de sua trajetória artística. Ao conduzirem os visitantes por essas imagens, eles não apenas apresentam quadros, mas ajudam a revelar o universo íntimo do artista, criando assim uma ponte entre a memória e o presente.

Nos bastidores da exposição *Gabinete Selarón de Curiosidades*, há uma equipe multidisciplinar dedicada que reúne guias de turismo e museólogos comprometidos com a pesquisa sobre a vida e a obra de Jorge Selarón. Mais do que montar uma mostra, esse grupo vem se debruçando sobre o diário, correspondências e fragmentos visuais deixados pelo artista, no esforço de construir um catálogo *raisonné* – um inventário sistemático e crítico de suas produções. Essa iniciativa busca não apenas organizar e documentar sua trajetória artística, mas também garantir a preservação de sua memória em diálogo com pesquisadores, colecionadores e o público que, há décadas, se encanta com sua escadaria colorida. A exposição é, portanto, parte de um processo maior de reconhecimento e valorização da contribuição singular de Selarón para a cultura do Rio de Janeiro e para a história da arte contemporânea.

Promover o encontro com o patrimônio cultural é também criar experiências que envolvam as pessoas e despertem vínculos. Ao abrir espaço para visitas guiadas gratuitas e acolher contribuições espontâneas, a exposição propõe novas formas de manter viva a cultura – por meio do envolvimento direto de quem vive na cidade e de quem a visita com olhos abertos e coração disposto.

Gabinete Selarón de Curiosidades propõe, portanto, uma nova lógica para o turismo: não apenas visitar, mas compreender; não apenas registrar, mas se relacionar. O turista não é apenas espectador, mas parte ativa de um processo contínuo de valorização da cultura local. Incentivar a cultura por meio do turismo é também devolver ao visitante um papel de corresponsabilidade na preservação e difusão daquilo que ele vê – e, sobretudo, sente.

